CONHECIMENTOS UTEIS.

RECURSOS PARA OS APERTOS DA NOSSA POBREZA.

1073 Sae á luz um — *Diccionario Geographico das Colonias Portuguezas, no qual se descrevem todas as Ilhas e porções de continentes, que Portugal possue no Ultramar; — suas producções naturaes, rios, povoações, commercio etc. por um Flaviense. — Porto* — 1842.

Esta obra, — que se compõe de 52 paginas in 4.° — parece feita com assás de escrupulo e diligencia: de não pequeno interesse poderá ainda ser, permittindo a fortuna ou a Providencia, que algum exemplar seu vá parar a mãos poderosas ou influidoras. Por esta serie de sucintos apontamentos se descobre n'um relancear de olhos a immensidade de remedios, que ainda póde haver para esta ethiguidade, que, a se lhe não acudir, nos ha-de infalivelmente levar á cova — ¡ oh! que não seria ainda este Portugal se algum dia acordasse conhecendo-se a si mesmo, e querendo com um querer de véras! — A natureza lhe está dizendo, como o Salvador ao paralytico — *tolle grabatum tuum et ambula* — mas o milagre não se effeitua porque elle a não ouve. — Um secretario de estado dos negocios do ultramar todo crente e intento n'isso, e só n'isso, dispartindo por todas as colonias naturalistas, embora estrangeiros, ou antes estrangeiros, com bons ordenados e seguras promessas de premios; e sobre os descobrimentos por elles feitos, aviando para cada parte com todo o genero de facilitações e auxilios interprendedores, directores, artifices, e colonos, segundo a liberalidade e circumstancias do sólo, que se havia de aproveitar, não só nos resgataria de dividas em poucos annos, senão que nos plantaria com boas raizes a prosperidade d'este reino, com que em vão andamos sonhando. — Por darmos uma entrevista dos fundamentos, em que assentamos estas ponderações, pedimos perdão ao auctor de transcrevermos para aqui uma pequena parte do seu prólogo: —

Riquezas e recursos das Colonias.

«Extensas *florestas primitivas* com madeiras optimas para construcção naval, carpinteria, e marcenaria, em Bissáo e Cacheu, Angola, Moçambique e Gôa. — Extensos *coqueiraes* (de que se tira muito *cairo, azeite de coco, etc.*), em Gôa. — Plantas que produzem preciosissimas *drogas, gommas* e *azeite;* e matas de optimo *café silvestre* em Angola. — *Café* igual ao de Moka, em S. Thomé. — *Pimenta*, em S. Thomé, Moçambique, Diu, Damão e Gôa. — *Anil*, em Cabo-Verde, Angola, Moçambique e Timor. — Grande abundancia *d'urzella*, na Madeira, Açôres e Cabo-Verde. — Muita *gomma-copal*, em Angola. — *Gomma-arabia*, em Cabo-Verde. — *Sene*, em Cabo-Verde e Angola. — *Opio*, em Damão. — *Ebano* e *maná*, em Moçambique. — *Sandalo*, em Timor e Ende. — *Canella silvestre*, em Ende. — O *arroz*, *assucar*, *algodão*, *tabaco* e *café*, se dão em todas as nossas colonias, e com especialidade nas da zona torrida, e n'estas se podem dar tambem todas as plantas da India e do Brazil. — *Açafrão* e *arroz cheiroso*, em Damão. — *Bethel*, em Gôa. — Extraordinaria abundancia de *cereaes* e *laranja*, nos Açôres. — Extraordinaria abundancia de bom *vinho*, na Madeira e Pico. — Muito *vinho de cajuri*, em Damão. — *Vinho judeo* e *optimas tintas*, em Diu. — *Milho*, duas vezes no anno, em S. Antão: na ilha Brava um alqueire d'elle semeado produz 400 alqueires. — *Uvas*, duas vezes no anno, e optimo *vinho*, em Cabo-Verbe. — Extensas *salinas* em Cabo-Verde.

«Extraordinaria abundancia de *marfim* (dentes) d'elefante, em Bissáo e Cacheu, Angola e Moçambique. — Muito *marfim* (dentes) de cavallo-marinho, e muitas *pontas*, d'abada, em Angola e Moçambique. — Muita *cêra*, em Bissáo e Cacheu, Angola, Moçambique e Timor. — Extraordinarissima abundancia de *elefantes*, em Angola e Moçambique. — Grandes *carneiros ditos de cinco quartos*, em Angola e Moçambique. — *Leões* e *Zebras*, em Bissáo e Cacheu, Angola e Moçambique. — *Tigres* e *Veados*, em Bissáo e Cacheu, Angola, Moçambique e Gôa. — *Macacos*, em Bissáo e Cacheu, Angola, Moçambique e Timor. — *Bufalos* e *javalís*, em Bissáo e Cacheu, Angola, Moçambique, Gôa e Timor. — *Porco espinho*, e varias castas de *passarinhos* cantores, em Angola. — *Gallinhas silvestres*, em Cabo-Verde, Angola e Gôa.

«*Baleias*, nas costas dos Açôres, Cabo-Verde e Moçambique. — *Tartarugas*, nos Açôres, em todas as colonias d'Africa, e em Timor e Ende. — *Perolas*, em Moçambique e Gôa. — *Aljofar*, em Moçambique. — *Ambar*, em Cabo-Verde e Moçambique.

«*Ouro*, na Madeira, Angola, Moçambique e Timor. — *Prata*, em Angola e Moçambique. — *Cobre*, em Angola, Moçambique e Timor. — *Estanho*, *sal mineral*, *petroleo*, extraordinaria abundancia de *enxofre*, e serras de *ferro*, em Angola. — *Salitre*, em Cabo-Verde e Moçambique. — Minas de *ferro*, na Madeira, Açôres, ilha do Fogo, Angola, Moçambique e Timor. — *Magnete*, na ilha de Maio. — *Basalto*, na Madeira, Açôres, Cabo-Verde e S. Thomé. — *Calcarea*, na ilha do Fogo, ilha de S. Maria e Angola. — *Pedras verdes*, (e *pedras preciosas*, segundo alguns) e *carvão de pedra*, em Moçambique. — *Christaes* d'amphibole e piroxene, *obsedianas*, *lavas leuciticas*, e outros mineraes, nos Açôres. — *Calcedonia*, *angite*, *araganite*, e outros mineraes, em S. Miguel. — Formosos *stalactites*, no ilheo dos Romeiros. — Admiraveis *fontes mineraes*, em S. Miguel.»

CALMANTE PARA A FEBRE DAS EMIGRAÇÕES.

1074 Lemos nos Pobres do Porto uma carta, assignada por um portuguez no Brazil, que, em substancia, relata o seguinte:

«¿ Persuadir-se-ha alguem que todos os portuguezes quantos acodem ao Brazil acham arrumação? ¡ Como se engana quem o cuida! — Os mais d'elles andam puxando carros, outros vão para as róças cultivar as terras, e outros são pela fome obrigados a fazer desordens e crimes! . . . . . ¡ A culpa de tudo isto não a tem elles! — ¡ Tem-na quem os deixa para cá vir! — ¡ Se estes emigrados tivessem ído para Angola, já os brazileiros não diriam, que os portuguezes não teem que comer, e que se o querem hão-de vir para estas terras! . . . . . ¡ A decadencia vae por lá em augmento, porque os nos-

«sos, emvez de trabalharem nas suas terras vem «trabalhar nas terras brazileiras! ¡Quem lêr o Cons«titucional d'aqui, verá os nomes que nos chamam! «Publiquem isto a ver se a nossa gente cobra juizo.»

—

De Pernambuco se escreve, em 13 de septembro do presente anno, outra similhante carta, assignada por *Um filho da provincia do Minho*, e dirigida a quem redige a Revista Universal, postoque não como a redactor d'ella, e diz assim: —

«Ainda que não conheça a V. tomo a liberda«de de escrever-lhe, para lhe participar um escan«dalo, que se está praticando, o mais infame pos«sivel. — Eu não conheço a nenhum redactor de pe«riodico, nem d'essa capital, nem da cidade do «Porto, para me dirigir a elles; só tenho visto al«guns escriptos feitos por V. e da leitura d'elles «colligi, que V. é um homem portuguez, aman«te da patria e desejoso da sua prosperidade; — «aqui está o que me faz pegar na penna, ainda que «mal saiba assignar o meu nome, mas sempre se «intenderá o que eu quero dizer; todo o meu fim «é que as minhas verdades, pelo intermedio de V. « vão dar ás mãos de algum escriptor publico «amigo de sua patria; para vêr se assim se conse«gue por algum modo obstar ao grande e escanda«loso trafico, que alguns senhores fazem de seus «proprios patricios, que é o de colonos para o Bra«zil, trafico mais horroroso, segundo eu observo, «do que o dos negros da Costa d'Africa. Se isto fôr «continuando pelo mesmo caminho, brevemente as «ilhas ficarão despovoadas. Eu estou aqui vae em «dois annos; n'este tempo todo tenho visto este hor«ror continuado e repetido quotidianamente. — Aqui «chegou, ha quinze dias, o brigue brazileiro *Trium«pho Americano* com DUZENTOS — antes d'elle tinha «vindo um brigue chamado *Nova Sociedade* com «TREZENTOS E TANTOS — e antes d'esse a escuna *Ama«lia*. — São estes os navios, em que se tem feito «aqui este tráfico, por parte de uns, perverso, por «parte de outros, absurdo. O costume d'estas em«barcações é este — se trazem alguns d'esses infe«lizes com passagem paga, largam-no aqui em ter«ra; se alguem vae a bórdo pagar a passagem de «algum outro, tambem o recebe para servir-se com «elle pelo tempo equivalente a esse desembolso: os «que sobejam, que, por via de regra, são muitos, «proseguem viagem, sendo levados á *Bahia* e ao «*Rio-de-Janeiro* para lá serem vendidos, e o capi«tão com esse dinheiro se tornar ao nosso reino e «ilhas a carregar de novo da mesma mercadoria. — «Fallei com alguns dos queixosos, ouvi-lhes referir «o máu tractamento e fomes que passavam na via«gem, e os muitos enganos com que lá os tinham «engodado para os apanharem na rêde. — Esquecia«me fallar do *Porto*; — a *Tentadora* tambem d'esta «vez trouxe os seus CENTO E TANTOS de todas as eda«des, velhos, moços, e creanças etc. etc. Esta sem«pre traz abundancia, ás vezes os seus 60, 70 ou «80, e d'esta vez, como disse, os seus CENTO E «TANTOS. — Não lhe vae mal com o negocio, pri«meiramente pelo dinheiro que embolsa; segundo «porque sendo ella de 400 tonelladas, e cabendo«lhe pagar 30 réis por cada tonellada, em cada «um dos dias que se demorasse n'este porto — ficou «dispensada por trazer os seus 100 escravos bran«cos; no que veio a forrar 12$ réis diarios, e co«mo se demorou 50 dias, 600$ réis. — Os outros «navios que de lá vem, tambem fazem o que po«dem, mas não é com tanto descaramento.

«Faça V. e os outros portuguezes de bem, que «por lá houver, a charidade de pôr tudo isto bem «a publico, para que, afim de enriquecer a quatro «ou seis barbaros, que mereceriam ser feitos em «postas, se não continue a fazer a desgraça de mui«tas centenas de pobres de dinheiro e de espirito. «Digam-lhes a estes, que as promessas com que os «por lá vão endoidecer, são tão verdadeiras, que «muitos dos que teem vindo, por não acharem oc«cupação, ou para se livrarem do azorrague, e ou«tros máus tractamentos, se vêem obrigados a as«sentar praça; e não poucos tambem por ahi estão «doentes e ao desamparo. — Estimarei que estas re«gras sejam ajudadas por V. para vêr se dão al«guma coisa de si, que espéro em Deus e no go«verno de Portugal, que hão-de dar. De V. etc. «— *Um filho da provincia do Minho*. — Pernambuco «13 de septembro de 1842.»

Remataremos, transcrevendo do Açoriano Oriental de 5 de novembro e do Angrense de 3 do mesmo, o seguinte:

BOLETIM DA ESCRAVATURA. — Por noticias telegraphicas obtidas na ponte dos mosteiros, da ilha Terceira, sabemos que o brigue *Saudade* alli de largo tocára, e que fôra voz publica em terra, que elle condusia d'esta para o Brazil mais de DUZENTOS passageiros. — (*Açoriano.*)

EMIGRAÇÃO PARA O BRAZIL. — Desde o dia 30 de junho passado até 17 do corrente octubro, tem requerido passaporte para o Brazil, na secretaria do Governo Civil d'este districto — do concelho de Angra, 112 homens, e 45 mulheres — do concelho da Villa da Praia da Victoria 94 homens, e 3 mulheres — do concelho de S. Sebastião, 32 homens. — Total de ambos os sexos, 286 pessoas. — (*Angrense.*)

Relêam-se do nosso jornal os artigos *10, 772, e 1027.

Voltaremos ao assumpto.

—

AGRICULTURA.

II

1075 Já íamos em meio de nossa segunda jornada, quando topámos com o decreto que vinha crear uma commissão para riscar uma lei de decimas permanente. Com este barranco se nos cortou a estrada, obrigando-nos a fazer alto, e determo-nos até que tenhâmos disposto a passagem.

Considerando sobre o estado de nossa fazenda publica haviamos, ha muito, pensado na necessidade d'aquella providencia; mas taes, e tantas são as relações, em que ella prende, e de que não póde estar desacompanhada, que a mais séria, e aturada attenção mal póde compreendel-a em suas differentes partes.

A permanencia dos lançamentos das decimas destruirá a agricultura quando deixar de compreender todas as combinações, que lhe constituem a essencia, pelo contrario servir-lhe-ha de arrimo e proveito se na providencia concorrerem os seus naturaes elementos.

A decima bate sobre interesses materiaes, e industriaes; se estes interesses, não obtiverem um valor permanente, a decima estará sempre fóra da sua legitima base, ora pisando, e muito, sobre os individuos, o que será iniquo, ora

poupando-os em demasia, e prejudicando o Thesoiro, o que será injusto.

A decima paga-se em dinheiro; mas o calculo para liquidar o rendimento será sempre, como tem sido até aqui, errado. Errado pela differença das producções na qualidade, e quantidade: errado pela variedade das medidas em muitas terras de um mesmo districto: errado pela incerteza dos valores: errado porque a lei das avaliações foi feita n'um seculo de riqueza pecuniaria, e esta ainda está servindo de regra n'este tempo de pobreza: errada emfim porque o espelho em que Portugal se está mirando é um espelho falso; e isto diz tudo.

¿Como e por quem ha-de então ser circumstanciada e distribuida a operação com acerto? Por ninguem, e de modo nenhum, se a abstraírem das conveniencias que a rodeam, e lhe cortarem as relações que a abraçam: mas qualquer o fará, menos mal, collocando e dispondo convenientemente os ramos em que ella prende.

Para dar permanencia ao tributo de dinheiro, é preciso primeiro, ou simultaneamente, dal-a áquellas coisas que o dinheiro representa. Isto não se conseguirá sem uma lei geral, e penal de taxas. Não basta tomar cada quantidade, e qualidade n'um certo preço, é preciso que o agricultor, e o artifice saibam, aquelle que venderá, por exemplo, um alqueire de trigo por 400 réis; um cântaro de azeite por 2$000, um almude de vinho por 300 réis etc., e o outro que venderá uma cadeira por 240 réis, *et sic in cæteris.*

E pois que nem o artifice, nem o agricultor tem certeza do numero das obras que fará, e venderá; e dos alqueires de trigo, cântaros d'azeite, e almudes de vinho que Deus lhe dará em cada colheita: assim como um não póde calcular o quanto da despeza fabril, e o outro o quanto do custo dos braços, das ferramentas, instrumentos etc. conviria ou tomar outra base para fazer a collecta menos incerta, e mais aproximada das regras de justiça, e da economia, ou estabelecel-a em genero, e especie.

Outra, e melhor base por sugeita a menos inconvenientes era para a agricultura o valor capital dos predios: para a industria o valor das pessoas. Para formar aquelle, não servem n'este tempo as leis do seculo passado: então havia muito dinheiro, e os predios valiam muito porque elle valia pouco: hoje ha menos de ametade do dinheiro; e os predios valem pouco, porque elle val muito. Consideradas estas differenças, e relações, será facil emendar aquellas leis reduzindo o valor capital ao total de dez rendimentos livres de toda a despeza, e encargos, fazendo-se a operação pelos proprietarios maiores de cada freguezia, e ainda assim a medida de proporção fica distante da realidade. Nós comprâmos actualmente por dez aquellas propriedades que ainda ha menos de vinte annos, eram vendidas por trinta e em peior estado; e vemos que um cruzado novo tem o mesmo tamanho, metal, pêso, e cunho, que então tinha!!

Determinar o valor de uma pessoa é operação simplicissima. O carpinteiro, por exemplo, ganha meio anno a 480, e meio anno a 400 rs.: come ametade: veste (ou deve vestir) um quarto: gasta em ferramenta um 16.º; perde em dias outro 16.º: deduzidas estas fracções e empregos, multiplicae o resto por dez, e o total será o valor de um carpinteiro para pagar decima, ou o maneio, e não ha-de gritar por lesado. Fazei o mesmo aos trabalhadores, que são homens que vivem na sociedade, e que tiram d'ella o seu quinhão de commodidades: egualae; egualae, que a egualdade é o fundamento e fim dos governos.

Se estivessemos discursando em politica levariamos este artigo mais longe, e reproduziriamos agora tudo quanto n'este assumpto temos muitas vezes dicto, e argumentado sem nos darem resposta; mas porque estavamos n'outro caminho, e fomos necessitados a fazer esta digressão, que, ainda mal, não ha-de ser a ultima, lembrâmos humildemente as necessidades de taxas, e de nova lei, e methodo de avaliações, por serem estas as fontes, que podem sustentar uma tal e qual permanencia de decimas. Se isto esquecer, adeus agricultura, adeus industria, e adeus paz, e prosperidade publica.

Santarem, 28 de octubro de 1842.

José de Freitas Amorim Barbosa.

EXPERIENCIAS AGRONOMICAS.

1076 Como o nosso fim é a verdade, resumiremos para rectificação dos nossos artigos ácerca do *trigo imperial*, *do milho gigante*, *da cevada sancta*, *das curas das meiadas* etc., o que um assignante de Peniche nos escreve.

«Aqui semearam o trigo imperial: alguns tiveram «bellas pavêas da altura de um homem, espigas «bem fornidas, e grão mais grado que o da semen«te; mas o numero de espigas, e n'ellas a quanti«dade dos grãos não excederam do ordinario; só «sim que as espigas de todos os pés não eram eguaes «na fórma; debulhadas porém em separado, nos «grãos nenhuma differença appareceu; outros ex«perimentadores nada tiveram, porque a méla lhes «saltou no trigo. Estas sementeiras tinham sido fei«tas pelo methodo ordinario; — repetem-se este an«no.

«Pessoa a quem do escriptorio da Revista se ha«viam mandado, com outras sementes, alguns grãos «da cevada, parecida com o trigo — de nove pés, «que lhe escaparam da sementeira, tirou 6700 grãos «que pesaram onze onças.

«Tambem alguns semearam do trigo sobre o chão «recalcado, cobrindo-o de palha: caíram-lhe em «cima os pardaes, e pouco deixaram; os grãos res«tantes tiveram um desinvolvimento e producção or«dinaria; sem embargo vão tentar outra vez, mas «suppõe-se que não valerá a pena, principalmente «por causa da carestia da palha.

«O milho gigante, que por varias partes semea«ram, deu hásteas de extraordinaria grossura; mas «em altura até á ponta da bandeira, não excedeu «a 14 palmos: pé houve que chegou a ameaçar seis «massarocas; das quaes umas se alongaram muito, «outras pouco, outras mal despontaram; e espiga «bem creada, não houve em geral em cada pé mais «que só uma; os que chegaram a duas já deram a «segunda muito fraca: o terreno era bom, bem es«trumado e regado.

«Tambem se experimentou a cura das meiadas, «segundo vem no artigo * 128 da Revista, e só meia «cura se obteve. Talvez que se não fizesse bem a «operação: ou a qualidade do carvão não fosse boa «ou na receita faltasse alguma clausula.»

Rogâmos a todos os curiosos que hajam experimentado quaesquer das proposições que o nosso Jornal tem feito, sobre materias uteis, nos communiquem, chã e sinceramente, os resultados e as observações que fizeram, para servirem de proveito a mais alguem.

D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR.

1077 A 15 de dezembro de 1816 perdeu este reino um dos filhos seus, que mais o illustraram, — esse foi D. Francisco Gomes do Avellar, nascido em humilde berço, mas por suas virtudes e sciencia, arribado ás maiores honras da egreja e da republica. O Algarve, cujo foi bispo, governador e capitão general, conserva inteira, para seculos, a memoria dos beneficios, que lhe deve de todo o genero, os quaes foram tantos e tamanhos, que a relatal-os cançariam a penna mais activa. — Muitos espiritos admiraveis parece haver a Providencia reunido e fundido n'um só para o formar. — Foi varão, ao mesmo tempo, todo do céu e todo da terra, ou antes foi homem verdadeiramente de Deus, que trabalhando incançavel na vinha evangélica, a fez fructificar para o céu e para a terra; e no caminho para a

bemaventurança folgou de plantar boas arvores para abrigo, regalo e mantença dos peregrinos.

Ao mesmo passo que todas as coisas da egreja trazia desveladas e a ponto, o clero allumiado, honesto e sollícito, o povo edificado e com bons costumes, abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios, impunha-lhes pontes, expurgava de cadaveres os templos, apparelhando cemiterios e amansando para aquillo as repugnancias de um costume inveterado, alargava e afformoseava praças, erigia e sustentava escholas para as disciplinas sagradas e profanas, alimentava as viuvas e orphãos, promovia com dotes os casamentos e bons costumes, com recolhimentos a boa creação, com exhortações, com o ensino e com despezas a dilatação e aperfeiçoamento da agricultura; n'isto se parecia o seu báculo com o de Arão, que no deserto encaminhava para a terra de Chanaan, no Egypto tragava e consumia serpentes, e de mais, aonde fosse mister, se coparia de folhas e carregaria de fructos.

Deixamos aos escriptores da historia ecclesiastica o laborioso encargo de tecer a sua multíplice corôa — n'este logar estremaremos do pastor, do civilisador, do architecto, do ingenheiro, do militar e do politico unicamente o lavrador — de tantos homens, que era D. Francisco, o amigo dos homens do campo. — Das culturas de que hoje se gosa o Algarve, varias e não poucas foram por elle introduzidas, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão. A batata, que é o pão que a natureza mais faz abundar nos annos que mais escacêam de trigo, derramou-a elle, mandando pelos parochos aos lavradores, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes e instrucções necessarias para o seu tracto. Para o bom preparo dos figos, que são a principal substancia da provincia, escreveu uma pastoral; — para o enxêrto da oliveira em zambugeiro, não se contentou de imprimir excellentes instrucções, e mandal-as espalhar por todas as casas rusticas, senão que sollicitou e alcançou do governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados a receber o beneficio e enriquecer-se contra vontade.

Estas instrucções, de que o Ex.º Sr. D. Antonio de Sancto Illidio, actual governador do Bispado de Aveiro, officiosamente nos offereceu um exemplar, e que tanto augmentaram a producção do azeite em todo o Algarve, são as que nós vamos reproduzir para interesse commum, e para satisfazer ao rogo de S. Ex.ª, por nos constar que a sua impressão feita em 1813 se tornou, e é hoje em dia grandemente rara.

INSTRUCÇÃO PARA A ENXERTÍA DOS ZAMBUGEIROS (1).

Ha differentes modos de enxertar a oliveira em zambugeiro: a enxertía de garfo é a melhor; n'esta se devem considerar principalmente quatro coisas: o zambugeiro, o garfo, a enxertía, e o tempo.

I. O zambugeiro (2) deve limpar-se com ferramenta de bom córte de tudo quanto d'elle cresce, tres (3) mezes antes de ser enxertado, deixando-lhe os ramos principaes por cima do logar em que se deve enxertar, ou no acto da enxertía. Para ser capaz de se enxertar deve o zambugeiro ter na altura de seis ou (4) septe palmos, tres (5) pollegadas de diametro, o que se saberá atando-se-lhe ao redor um fio, que se ache ter nove pollegadas de comprido.

II. O garfo (6) deve ser de um palmo, (7) incluindo n'este comprimento o aparo, que deve ter tres pollegadas: deve ser de tres annos para cima, o que se conhece quando a casca começa a fazer-se escura ou preta: deve ser cortado de ramo e nunca de pimpolho; deve ter a casca liza, e pequenas alturas, no que fica livre (8) do aparo, as quaes são os olhos por onde rebenta: não deve haver no garfo, secco algum, nem outro qualquer principio de molestia; deve-se proporcionar o garfo em grossura ao cavallo, ou cabeça do zambugeiro: havendo ramos, cujas folhas e gomos estejam roidos em parte, ou menos viçosos, d'elles se cortem os garfos com preferencia. O aparo deve fazer-se com canivete estreito e muito afiado, para se poder fazer logo no principio o córte muito boleado, chegando-se ao âmago ou miolo do garfo, porque assim une, pega e solda melhor; e desde o miolo deve continuar o aparo até o fim, de maior a menor, mais lizo, e sem altos e baixos, ficando a casca maior que o sabugo, grossura de duas linhas, de cuja extremidade se deve cortar mui levemente a pelicula para não arregaçar: deve raspar-se ao de leve a pelicula do aparo nos dois terços para a sua extremidade; aparado o garfo deve-se metter immediatamente, porque o zambugeiro deve estar limpo, cortado, e preparado antes de se aparar o garfo.

III. Corte-se o zambugeiro com ferramenta (9) de pouco peso e muito afiada no logar em que estiver mais são e a casca fôr mais liza, seis ou septe palmos acima da terra: se o zambugeiro fôr n'esta altura de grossura menor de duas pollegadas e meia de diametro, ou se córte mais baixo ou se deixe para outro anno (10): alize-se o córte, principal-

(1) O fim d'este folheto é unicamente instruir o homem do campo do mais necessario, e por isso se evitam as palavras scientificas: os instruidos teem auctores, que o povo não póde haver, nem ler, nem intender.

(2) Esta arvore utilissima nasce por muitas causas espontaneamente em todo o Algarve com muita abundancia; mas cortam-se ao desmoitar, arrancam-se, e deixam-se roer do gado e por isso muitas se perdem. Cultivadores, cuidai nos zambugeiros, abrigai-os do gado com silva ou seves, e não desprezeis esta abundante fonte de riqueza e regalo.

(3) E' necessario este tempo para que a arvore tenha dirigido o seu esforço sobre aquelles ramos, e cortando-se estes, o faça sobre os garfos; e succede o mesmo, mas com menos generalidade, limpando-se e cortando no acto da enxertía.

(4) O palmo deve-se julgar de oito pollegadas, e quando se falla em certo numero de palmos, intende-se pouco mais ou menos.

(5) Se tiver menos meia pollegada, nem por isso deixe de se enxertar, e o mesmo digo se fôr mais grosso; porém tendo mais de seis pollegadas de diametro, corte-se mais abaixo, porque póde não pegar, e se deve tornar a enxertar nos ramos que deitar; e deve attender-se á altura em que depois hão-de ficar, e é preciso attender á altura d'elles.

(6) Póde o garfo ser direito, torto, ou ter esgalhos; comtanto que seja são, direito e bem lizo quatro pollegadas da parte do aparo.

(7) O palmo deve-se medir desde o principio do aparo até o fim do garfo, entrando no comprimento os esgalhos que o garfo tiver.

(8) Distinguem-se as bolhas, que são olhos não rebentados, das que são excrescencias ou matrizes de insectos, em estas terem a côr mais escura e secca, e aquellas a mesma côr da casca.

(9) Reprova-se inteiramente o uso da serra, porque a fricção e a violencia do córte da serra aquece e molesta as fibras do zambugeiro até muito abaixo; e segue-se, ou não pegarem os garfos, ou fazerem-se mal e vagarosamente, ainda que se adoce e córte com ferramenta afiada.

(10) Enxertando-se os zambugeiros ao pé do chão, ou pouco mais altos, pegam bem, ainda que sejam delgados; porém ficam os enxertos muito expostos aos gados, e por muitos annos, porque custa muito eleval-os a uma altura racionavel; e se se enxertam mais altos não se fazem bem e nunca são arvores copadas e vigorosas: o industrioso agricultor defenderá com cercadura ou com silvado as arvores baixas; e sem arte não póde haver agricultura.

mente pollegada e meia proximo á casca; ate-se a cabeça na sua extremidade com duas voltas de tamiça, e laçada para não abrir muito a casca ao metter o garfo (11): metta-se uma cunha verde, feita do mesmo zambugeiro uma pollegada no logar onde deve entrar o garfo, o qual logar deve ser onde o zambugeiro fôr mais lizo, mais verde, e mostrar maior elevação, vinda da raiz, ou de distancia consideravel, e não por excrescencia; tire-se a cunha com a mão esquerda, metta-se a ponta do garfo com a direita, pegue-se depois no garfo com as duas mãos e vá-se mettendo perpendicularmente com muita suavidade até unir o principio do aparo com a cabeça do zambugeiro, e assim se devem metter dois, tres, ou mais garfos (12), segundo fôr grossa e liza a cabeça: continue-se com voltas de tamiça a fazer unir a casca ao páu do zambugeiro até meia pollegada mais abaixo do logar em que acabam as pontas dos garfos mettidos; ponha-se em cima do córte, e ao redor do garfo barro amassado, mas pouco humido, cubra-se o barro com farrapo ou capacho velho, tendo muito cuidado em não abalar os garfos ao tempo de pôr em cima do barro o farrapo ou capacho velho, e para isso é bom dar um golpe no capacho no direito do garfo; segure-se tudo com tamiça (13), e ponham-se nas extremidades dos garfos umas pequenas bolas de barro amassado.

IV. No Algarve o tempo proprio para enxertar a oliveira em zambugeiro principia no crescente da lua de março e finda no cheio da lua de maio (14), preferindo sempre o crescente e cheio ao novo e minguante da lua, por mostrar a experiencia, que enxertando-se n'esta conjuncção se fazem melhores as arvores, e são mais copadas; o tempo secco é melhor para se enxertar do que o humido; porém o essencial é que não chova quando se-enxerta, e que fique o enxerto abrigado dos primeiros insultos do calor e humidade. Tem mostrado a experiencia que não pegam tanto os garfos mettidos com levante, e por isso é melhor não enxertar com este vento; não é bom enxertar-se quando o zambugeiro tem viço de mais, porém não se póde fixar o tempo, porque depende este do sitio e do anno mais ou menos temporão: conhece-se estar demasiadamente viçoso o zambugeiro, quando chora ao tempo de se cortar, e a casca se separa do páu, quebrando-se facilmente, vendo-se tambem abundancia de suco ao separar-se.

V. Concorre muito para a maior utilidade de qualquer ramo de cultura, averiguar o cultivador com muito cuidado qual é a arvore que melhor se faz no seu campo, e melhor produz; pois é certo, que em um terreno prosperam certas arvores, e em outros outras, e na mesma especie produz mais certa qualidade. Em todo o Algarve se dão bem as oliveiras, com mais ou menos producção, segundo o terreno e cultura: as melhores qualidades são, em primeiro logar, maçanilha; em segundo, gallego redondo, e comprido; em terceiro, bical, e verdeal: a negral é certamente n'este paiz de muito pouca producção. É pois muito essencial tirar o cultivador os garfos das melhores qualidades, e das mais proprias para o seu terreno.

VI. De pouca ou nenhuma utilidade será enxertarem-se os zambugeiros, se por preguiça, por ignorancia, e por descuido se deixarem desfalecer, e perder os enxertos, inutilisar as oliveiras, arruinar, ou perder o fructo. As providencias mais geraes, e menos dispendiosas, porém de extrema necessidade, são, arrancar-se ao redor do enxerto todo o mato; cortar-se todas as vergônteas, que d'elle nascerem, não sendo pelos garfos; o primeiro e segundo anno muitas vezes; do terceiro até o sexto duas vezes, uma pelo escuro de maio, outra pelo escuro de janeiro, ou fevereiro: é necessario ter cuidado, que certa qualidade de formigas não faça do barro, que se põe sobre a cabeça do enxerto, logar de habitação, e creação; porque n'esse caso é preciso deitado logo fóra para o enxerto se não perder: do sexto anno por diante deve o enxerto ser tratado como oliveira. Esta deve ser lavrada ou cavada todos os annos; ao menos de dois em dois annos deve ser limpa no escuro de janeiro, ou fevereiro de todos os ramos inuteis, deixando os que ficam bem separados, para que o sol, e o ar os penetrem livremente; de tres em tres annos deve ser adubada: se estiver em ladeira, faça-se-lhe socalco quatro varas abaixo do seu pé, se o sitio o permittir, e duas varas acima uma caldeira de vara de fundo, e vara e meia de largo, na qual venham findar dois regos, os quaes devem ir alargando á proporção que se forem estendendo, para receberem mais aguas, natas, e despojos dos matos, e gados: encha-se no primeiro anno esta caldeira até o meio de mato miudo; limpe-se no terceiro, e deite-se o contheudo ao redor da arvore antes de se lavrar, ou cavar para servir de adubo.

VII. O precioso fructo d'esta arvore principia a ser util em Agosto, mas deve apanhar-se, e salgar-se apenas cáe; aliás o calor o séca, ou faz apodrecer, havendo humidade: no tempo competente não se deve deixar apodrecer em cima, ou debaixo da arvore, como geralmente se faz, seguindo-se d'aqui dois grandes prejuizos; um a falta da azeitona, que os gados, e passaros comem, ou alli séca; e outro a má qualidade do azeite pela que apodrece: não se póde fixar o tempo do varejo, mas, geralmente fallando, vareja-se a maçanilha, bical, e verdeal, quando a maior parte está encarnada, ou preta, e o resto tem côr de cana; a gallega deve estar bem preta para se varejar: deve-se sacudir o fructo com suavidade e modo, para não quebrar muito os gomos, e não como quem se quer vingar da arvore pela sua fecundidade; e para isto é bom que as varas não sejam muito grossas, e as canas de boa gros-

(11) Depois de atadas as duas voltas de tamiça é que se deve aparar o garfo para se metter logo que fôr aparado.

(12) Seria desnecessario metter mais de dois garfos se houvesse certeza de pegarem ambos; mas nem por isso se devem metter tantos, que fique a cabeça debilitada, e darei o conselho de nunca se metterem mais de tres garfos.

(13) Faz-se menção só de tamiça, porque se escreve para o Algarve, n'outra qualquer parte deve a ligadura ser de coisa que se não enterre na casca e córte as fibras e canaes da vegetação, menos de linho ou guita, que inchacom a humidade.

(14) Tambem se enxertam os zambugueiros em Junho e Julho, e pegam; porém não se fazem, porque são grandes os calores sobre os gomos que rebentam dos garfos; está a vegetação muito adiantada; os gomos que escapam do calor não se vigorizam, e fazem-lhes tambem os gelos grande damno.

sura podem suprir: nunca se devem varejar as oliveiras com tempo chuvoso, ou humido; porque como estão mais tenras, quebram, sentem muito, e seguem-se-lhes muitos damnos.

VIII. Em todos estes artigos, e na factura do azeite, ha muito mais que notar, e providenciar, tudo de muita consequencia; mas nem o tempo, nem a paciencia, nem a pouca actividade dos cultivadores permittem por agora mais; e d'isto mesmo, inda que pouco, se roga aos mesmos a pratica para sua utilidade, e do publico; pois bem deviam os olhos verter lagrimas de sangue ao ver que por negligencia se perdem tantos bens, que Deus liberalmente espalhou por todo o territorio portuguez, e principalmente no Algarve.

D. Francisco Gomes do Avellar.

PAPEL.

1078 Tivemos occasião de visitar a grande fábrica de papel, que o Sr. Gitton, naturalisado cidadão portuguez, está organisando na rua Formosa. O edificio, pertença do chamado palacio do *Raton*, offerece todos os commodos para o intento: vastidão e numero de casas para todas as officinas, abundancia de agua etc. — Segundo todas as mostras já vão augurando — será este estabelecimento um exemplar para a industria, a que é destinado, pela ingenhosa e concertada distribuição de todas suas partes, de que resultará muita economia de operarios, muita simplicidade no tráfego, muita expedição no fabríco, boa ordem na arrumação e expedição, possibilidade e facilidade de superintender e olhar por tudo.

Um vapôr da força de 16 cavallos, infunde movimento á máchina, que póde dar em cada 24 horas 400 rêsmas de papel. — O papel, que sae prompto d'entre uma série de enormes cilindros de ferro, tem mais de duas varas de largura, e de comprimento quantas milhas e leguas se desejarem; é uma corrente alva, immensa e velocissima, que se vê saír perennemente das entranhas de ferro do aparêlho como um rio caudal rebenta do seio misterioso da terra. — Ferros cortantes, que se collocam firmemente nas distancias que se arbitram, retalham esta ampla têa segundo a largura de que se desejam haver as folhas: — outros gumes transversaes e volantes lhes talham o comprimento, e um chuveiro de folhas perfeitas e eguaes vem caír em baixo com uma rapidez prodigiosa.

N'esta máchina se produz, segundo a qualidade da massa, e a maior ou menor proximidade mutua dos ultimos pares de cilindros, toda a qualidade de papel de escripta, de impressão, e de estamparia.

Quando tudo se achar em exercicio, — o que o Sr. Gitton espera se realise para janeiro ou fevereiro — convidaremos os nossos leitores da capital a visitar o estabelecimento — será isso para elles um spectaculo e para os amigos da nossa industria, que deploram o enorme dispendio que n'este genero estamos fazendo em beneficio de alheios paizes, o mais delicioso de todos os spectaculos; — porque a fábrica do Sr. Gitton, trabalhando de dia e noite, desde a primeira até á ultima hora do anno, deve produzir, não só quanto baste para o nosso consumo senão talvez ainda para alguma exportação. — Aos nossos leitores das provincias, que não poderão gosar d'este spectaculo, forcejaremos por lhes descrever o apparatoso do machinismo, o admiravel do seu trabalho, o copioso do seu producto. — Por agora só lhes diremos que o metal, ferro e cobre, que já se acha d'aquellas portas a dentro pésa 3200 arrobas; — e que a principal caldeira para a massa do papel tem capacidade para 25 ou 30 pipas.

Duas são principalmente as vantagens, que já d'aqui podemos antever por esta fundação. — 1.ª O aperfeiçoamento do nosso papel, que ainda até hoje não deixou de ser deploravel. — 2.ª A diminuição dos preços d'este indispensavel género, que não contribuirá pouco para dar incremento á litteratura e á civilisação; e esta diminuição é infallivel, já pela grande facilidade que haverá no fabríco, já tambem, e principalmente, pelas materias primas que o Sr. Gitton tenciona empregar, que, sendo excellentes, são comtudo de infimo custo por serem abundantissimas na natureza.

ESCHÓLA DE NADO.

1079 Todas as vezes que vemos o que leva de vidas cada subita innundação, e pensamos nos tantos milhares de infelizes, que em naufragios e outros desastres de agua se tem perdido, não chegâmos a intender, como é que do nadar se não tem feito em toda a parte um ponto cardeal de creação: assim o praticaram na Grecia alguns povos, e assim o usam muitos das regiões do norte e quasi todos os da Allemanha. Para melhor insinuarmos este alvitre, que sobre ser de facil cumprimento, e summa utilidade, tem por si o ser tambem mui gentil recreação, digamos da eschóla de nado para os dias de inverno, recémfundada em Vienna de Austria.

É obra da camara municipal. Consiste n'uma sala de marmore vermelho de 243 palmos em comprido e 78 em largo, toda coberta de vidraçaria abobadada que se aguenta á cabeça de desoito columnas fundidas. No meio jaz o tanque de seus 58 palmos de largo e 181 de comprido, e forrado por dentro de azulêjos, por detraz dos quaes ha uns tubos calorificos de vapor, que dão ás aguas um tempêro mui suave. Á roda da sala ha um corredor com cellas para cada um se vestir e despir á sua vontade, tudo egualmente agasalhado com tubos que tornam o ar muito amoroso. Dos caixilhos do tecto, que todos são de ferro, pendem doze grandes lustres de gaz, que até ás onze horas da noite vão allumiando o folguêdo dos nadadores.

A MORIBUNDA ILLUMINADA.

(Carta).

1080 *O phenomeno pathologico assombroso*, relatado pelo Dr. *Henrique Marsh* na Gazeta medica de Londres, e transcripto no n.º 8 do seu utilissimo Jornal, sobre que V. chama a attenção dos Medicos, não é de facil explicação, nem as circumstancias de que vem revestido são bastantes para só por ellas se fazer obra bem acabada. Aventuraremos com tudo algumas reflexões.

Entre as propriedades activas communs aos corpos organicos e anorganicos contam os Phisiologistas o desinvolvimento da luz, do calorico, e da electricidade. Muitas observações modernas provam a exis-

tencia de phenomenos luminosos nos infusorios, polypiferos, medusas, e annelides, a que se attribue a phosphorescencia do mar, assim como em alguns animaes das classes superiores, como insectos, crustaceos, peixes, e mammaes.

Em alguns d'aquelles radiados, e ainda mesmo em alguns articulados, por exemplo, no *lampyris noctícula*, tem *Ehrenberg*, *Treviranus* e outros descoberto orgãos luminosos especiaes; porém ainda ninguem observou no homem, nem orgãos nem phenomenos luminosos taes como os que apresentam aquelles animaes, e por isso poremos de parte estes factos tirados da anatomia e physiologia comparadas, porque de nada servem para a explicação do phenomeno luminoso, que o Dr. *Marsh* observou em *Luisa* A. —

Discorrendo por todos os phenomenos pathologicos não ha um só, com que este tanto se assemelhe como com as combustões espontaneas; mas se attendermos a que a côr da luz nas combustões é azulada, e pallida era a do clarão de *Luisa*; a que o vapor d'este era esbranquiçado, e espesso e negro é o d'aquellas; a que a expressão phisionomica é bem definida n'estas, e não n'aquelle; e a que finalmente as combustões espontaneas devoram todo o corpo até o reduzir a cinzas, poupando de ordinario pés e cabeça, e que pelo contrario nenhuma combustão soffreu a de *Luiza*, concluiremos que o phenomeno luminoso relatado por *Marsh* não é uma combustão espontanea, e que portanto nenhuma das suas theorias, quer a de *Marc*, quer a de *Julia-Fontenelle*, quer a de *Devergie*, lhe será applicavel.

¿Como classicar pois este phenomeno, e como explical-o?

Pois que mudos são os Pathologistas, que consultámos a tal respeito, passaremos nós a analysar o facto com todas as circumstancias, que o acompanharam, e deduziremos algumas consequencias, que mais legitimas sejam.

Diz-nos o Dr. *Marsh* que *Luiza* A. padecia uma phthisica pulmonar no ultimo gráu, e que a luz, começando de se mostrar nas ultimas dez noites, se foi diminuindo successivamente até que na derradeira se extinguiu completamente depois de haver durado 20 minutos muito fraquinha. Parece portanto que este phenomeno luminoso andou ligado áquella molestia durante aquelle prazo, e que se deve considerar sua dependencia ou symptoma. Mas ainda assim, ¿como determinar a relação de causalidade entre as variadas, lentas, e successivas alterações pathologicas de um pulmão tuberculoso, e aquelle clarão de *Luiza?* Vejamos:

É certo que a combinação dos elementos organicos é a resultante do contraste entre o principio dynamico e o principio somatico; que o seu desequilibrio importa forçosamente alterações d'essa combinação; e que finalmente a ausencia ou morte do primeiro, desprendendo estes elementos da tensão ou polaridade vital, os abandona á prepotencia da chimica, e se transformam em productos binarios, reagindo entre si e sobre os corpos, que encontram na atmosphera, apresentando phenomenos de fermentação, putrefação, etc.

É tambem certo que estes productos vem a ser: = azote, hydrogéno, acido carbonico, hydrogéno carbonado, e phosphorado, ammonia, etc.; e sabemos egualmente que a 2.ª combinação do phosphoro com o hydrogéno — o phosphoreto trihydrico — arde espontaneamente, exhalando cheiro fetido, e mostrando zonas brancas de acido phosphorico.

Se considerarmos agora estes factos, e os ligarmos aos observados no ultimo periodo da phthisica, em que predomina a tendencia á decomposição pulmonar com formação e desinvolvimento dos productos acima referidos, deduziremos que aquella luz ou clarão era muito provavelmente o resultado da combustão d'aquelles gazes, maxime do phosphorêto trihydrico á sua saída pela bocca e ventas. E não obste o dizer *Marsh* que o clarão banhava todo o rosto de *Luiza*, lhe cingia a cabeça, e dispartia raios como uma aurora boreal; por quanto não podendo aquelles gazes saír com violencia, porque a doente carecia de forças para os espirar, e sendo além d'isso especificamente mais pesados que o meio ambiente, deveriam de formar uma atmosphera ou *invólucro* a toda a cabeça, e d'este modo a tal aurora boreal; — a não suppormos que um muco luminoso se exhalava da pelle, como Meyer observou em muitos invertebrados; hypothese sem duvida além de gratuita inadmissivel.

Mas se este clarão é symptoma da phthisica, porque razão se não observa sempre, mas antes é tão raro que acertadamente V. lhe chama *assombroso?* Talvez que *em Luiza* influisse o estado electro-magnetico do seu systema nervoso de concorrencia com outras circumstancias especiaes de desorganisação pulmonar nos ultimos dez dias, o que provavelmente poderiamos determinar se *Marsh* judiciosamente procedesse á necroscopia, e fizesse outras observações de que muito haviamos mister para este proposito.

Para finalmente apresentarmos a nossa theoria mais verosimil e plausivel, recordaremos as observações de *Morton*, de *Ruysch*, e de *Bailly*, ácerca da formação e accumulação de gazes inflamaveis no tecido cellular, e n'outros orgãos, factos sobre que *Marc* fundamentou a sua theoria das combustões espontaneas.

Lisboa 20 de novembro de 1842.

Guilherme da Silva Abranches.

PROJECTO PARA SE REALISAREM BOAS COMMUNICAÇÕES DE TERRA E AGUA N'ESTE REINO.

(Carta.)

1081 *Sr. Redactor.* — A necessidade de melhorar no nosso reino as estradas, e outros meios de communicação, é tão conhecida, e o clamor que pede este melhoramento tão geral, que não só convidam, mas quasi que obrigam todos os Portuguezes a apresentar as suas idéas, sobre o objecto; idéas que por diminuta que seja a sua valia, ainda assim poderão descobrir ou aventar systemas de que mão habil haja de fazer proveitosa applicação.

O projecto que offereço á consideração publica, julgo, responde á maior parte, senão todos os quesitos necessarios n'este assumpto: a saber:

1.° Meios promptos e sufficientes para se fazerem as obras.

2.° Faculdade e economia na cobrança dos rendimentos.

3.° Conhecimento pratico das precizões, e utilidade das obras.

4.° Decizão acertada na escolha das obras.

5.° Administração illustrada na execução d'ellas.

6.° Conhecimento pratico dado aos contribuintes do emprego do imposto.

7.° Nenhum prejuizo para a exportação do producto em que recae o imposto.

Reduzirei o meu projecto a artigos, para maior clareza.

1.° As camaras municipaes formarão todos os annos uma relação das estradas, pontes, canaes, ou outros meios de communicação, de que os seus municipios carecerem, e remettel-a-hão aos seus respectivos concelhos de districto.

2.° Os concelhos de districto, depois de as examinarem, decedirão quaes as obras que se devem empreender e preferir; e a relação será enviada a um procurador, que deverão ter nomeado, e que resida em Lisboa; todos estes procuradores formarão uma juncta geral de communicações no reino, presidida pelo inspector das obras publicas.

3.° A juncta geral de communicações, examinará novamente as propostas, e aprovará aquellas que forem julgadas mais convenientes — tendo cuidado em que umas provincias não sejam menos favorecidas do que outras.

4.° As resoluções serão decididas á pluralidade de votos; o inspector terá voto decisivo.

5.° A maneira de effectuar as obras approvadas será da competencia do inspector geral das obras publicas, empregando os officiaes ingenheiros e outros meios á sua disposição.

6.° Além dos directores e ingenheiros encarregados das obras, serão ellas egualmente vigiadas pelas camaras onde as obras se fizerem, sem comtudo se ingerirem no seu andamento; representarão porém, por via do concelho de districto respectivo, o qual enviará a representação ao seu procurador, no concelho geral de communicações, ajuntando-lhe as suas reflexões.

7.° Para costear a construcção e reparação das estradas, canaes, pontes etc. pagar-se-hão 25 réis por almude de vinho consumido no reino.

8.° Este imposto será lançado e cobrado pela mesma fórma do subsidio litterario, porém a sua importancia entrará immediatamente — a das provincias do sul, no Banco de Lisboa, e a das provincias do norte na sua caixa filial no Porto; tudo á disposição da juncta geral de communicações em Lisboa.

9.° Cobrar-se-ha o imposto sobre toda a producção, qualquer que seja o seu ulterior destino; extornar-se-ha porém na ocasião do despacho, para o estrangeiro, para a Madeira, e Colonias portuguezas, bem como quando se despachar para consumo das cidades de Lisboa, e Porto. O extorno será,

Por almude de vinho (1)	25	Reis.
Por almude de agua-ardente (2)	200	»
Por pipa de 30 almudes de vinho (3) ..	400	»

(1) Em rasão do excessivo direito do consumo que já pagam naquellas cidades.

(2) Como resultado de 8 almudes de vinho reduzido a agua-ardente.

(3) Em compensação pela agua-ardente com que foi adubada calculada em 2 almudes.

10.° O extorno será entregue pelo Banco de Lisboa, ou pela sua caixa filial no Porto, á vista das certidões (de talão) das alfandegas.

11.° No fim de cada anno a Juncta publicará uma conta circumstanciada das obras, seu importe, e motivos que as fizeram adoptar.

Havendo exposto as principaes feições do projecto, cumpre-me agora, provar a exactidão das asserções que no principio estabeleci.

1.° Meios promptos, e suficientes para se fazerem as obras.

Pelo lançamento do imposto do subsidio litterario, se conhece, que, uns annos por outros, a producção excede a 600,000 pipas, que a 30 almudes produzirão 18,000,000 de almudes, que a 25 réis por almude darão ..... 450,000$000

Abater.

50,000 pipas para embarque, almudes...	1,500,000	
40,000 ditas consumo Lisboa e Porto....	1,200,000	
10,0000 ditas deficiencias e erros de calculos, ...	300,000	
	3,000,000	
3,000,000 d'almudes a 25 réis.....	75,000$000	
2 almudes d'agua-ardente, em 100,000 pipas, 200,000, almudes a 200, ...	40,000$000	115,000$000
		335,000$000

Ficarão por tanto liquidos pouco mais ou menos 335 contos de réis, quantia esta que attendendo ás precisões não é excessiva, nem tambem é diminuta; repetindo-se annualmente, em breve será conhecido o seu proveito; quando porém se julgue diminuta poderemos ainda lembrar mais outro recurso que produzirá pouco mais ou menos cem contos de réis.

2.° Facilidade, economia na cobrança dos rendimentos.

Uma vez que se faça lançar, e cobrar o imposto como se pratica na arrematação, e cobrança do subsido litterario, recebendo-se em lettras dos arrematantes a sua importancia, bem provada está a facilidade, e economia da cobrança.

3.° e 4.° Conhecimento pratico das precisões; e decisão acertada na escolha, e utilidade das obras.

Sendo as camaras dos differentes concelhos quem melhor conhece a necessidade d'estes, ou d'aquelles melhoramentos, ninguem melhor, do que ellas, os poderá requisitar, e os conselhos de districto, examinando as pertenções, poderão emendar os erros, procedentes de paixões, e interesses particulares.

5.° Administração illustrada na execução das obras.

Se a execução das obras fosse encarregada a outros corpos, ressumbrariam n'ellas não só os interesses particulares, mas tambem a falta de conhecimentos: sendo porém as obras incumbidas a um corpo já organisado para eguaes emprezas, claro es-

tá que a administração será a mais apropriada; nem de outra maneira seria possivel conceber e executar aquellas obras de interesse geral para as quaes todo o reino deve concorrer.

6.° Conhecimento pratico dado aos contribuintes, ácerca do emprego do imposto.

É sabida a repugnancia que os povos teem, a desapossar-se de qualquer parte dos seus bens, por muito uteis que sejam os fins: com tudo, quando elles virem que o seu dinheiro é verdadeiramente applicado, ao objecto para que se pede, e que d'esse desembolço se aproveitam com vantagem, não sómente contribuirão de boa vontade, porém egualmente velarão, para que os remissos contribuam: conhecendo d'esta maneira as provincias productoras do vinho, que se este genero é o contribuinte, (bem que pago pelos consumidores) tambem será nas mesmas provincias, por sua natureza mais montanhosas, que as estradas, e mais communicações, serão preferidas.

7.° Nenhum prejuizo para a exportação do producto em que recae o imposto.

Sendo o imposto extornado á saída, sem grande incommodo no seu recebimento, já se vê que um tal imposto, não difficulta, nem prejudica o interesse dos productores, pelo contrario, muito lucram elles pela barateza dos transportes, proveniente do melhoramento das communicações.

Tendo assim exposto com a brevidade que me foi possivel, os pontos principaes do meu projecto, desde já conto com a opposição que terá de aguentar, principalmente da parte dos productores do objecto taxado, julgando destruidor d'aquella producção todo o imposto que se lançar sobre o seu consumo; quando porém se attender a que é o consumidor que o vem a pagar, e que são os productores que mais aproveitam das boas communicações, chegando o genero mais barato ao consumidor, e ao exportador; creio que uma grande parte da sua opposição deve desapparecer. Tambem é possivel que algumas imperfeições aqui se achem, parte das quaes me não seria difficil fazer desapparecer, se quizesse alongar, ou retardar esta memoria que já me parece demasiado extensa, porém, sendo o meu designio principalmente chamar a attenção do publico, a este tão importante objecto, julgo ter preenchido o meu dezejo, e muito contente ficarei se alguem substituir outro methodo, mais efficaz, e menos oneroso.

*****

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV.

1 *de Dezembro de* 1640.

1082 A ressurreição de um reino em um só dia, depois de jazer sessenta annos em um sepulchro, e sepulchro atalaiado de gigantes, é um successo tão estupendo, que parece todo traçado e todo executado pela Providencia.

A corôa portugueza, despedaçada em Africa, tinha-se fundido na grande corôa de Castella: — a rica herança de D. Manuel jazia attenuada sob os pés do quarto Filippe, e as leis d'este seu descendente, por linha feminil, eram acatadas n'um canto do Alemtejo pelo Duque de Bragança, descendente seu por varonía; e Portugal não podia mais do que murmurar, porque as suas frotas, os seus exercitos as suas praças, os seus governos, as suas auctoridades, tudo o que podia desertar havia desertado; o que se podia destruir havia-se destruido; o que se podia transformar, havia-se transformado, excepto os corações dos portuguezes, que eram ainda, e sempre, portuguezes e corações. — Não foi o Duque de Bragança, não foi um homem, quem redimiu esta generosa gente; — foi ella mesma que se redimiu a si, e mais a elle. — D. João, para que tudo n'esta singular façanha apparecesse milagroso, viera ao mundo, tão pobre de heroicidade como de estados, tão vasio de poder, como de valor para o conquistar: tinha todas as boas qualidades domesticas, haveria sido um obscuro e excellente pae de familias, um fidalgo mui bem quisto de seus visinhos, e n'um claustro — se o acaso para lá o tivesse lançado — o mais resignado o mais perfeito religioso. — Os portuguezes não tinham só de converter pela secreta alchimia da virtude civica o ferro de seus grilhões em oiro e fundil-o em sceptro, e offerecer-lh'o, senão tambem forçarem-n'o a pôr n'elle os olhos e conduzirem-lhe a dextra reluctante para que o empunhasse. — Pinto Ribeiro e a fidalguia, e os populares tinham quasi tanto que temer da fraqueza do rei, que faziam, como das forças do rei, que desfaziam — e Deus sabe qual teria sido a sorte de todos esses virtuosos temerarios, e em que abismos nos haveria despenhado o seu vencimento, se por outro milagre divino, a alma, que a natureza não déra ao predestinado para e throno, lh'a não tivesse, como quer que fosse, infundido uma mulher. — A Duqueza de Bragança, castelhana, foi quem pela magía do amor, pela ascendencia do genio e da virtude, o transmudou de alguma sorte em varão e em portuguez. — Vingado e acclamado a 1 de dezembro D. João era emfim coroado monarcha vinte e cinco dias apóz, e ás festas da redempção do mundo pelo nascimento do Filho de Deus se accrescentavam as do filho dos reis redimido pelo seu reino.

A mão de cima, cuja era a obra, não empregou menos prodigios para a conservar — o Leão de Castella para se não arremeçar sobre a prêza que lhe fugia, viu-se desatinado com guerras e ardendo entre tres fogos, da Hollanda, da França e da Catalunha, emquanto Portugal pelo jogo politico da Europa n'esse prazo, se enlaçava por tractados e affeições com estados fortes e florescentes. Emfim, na revolução para a liberdade, ou não houvera traidores, ou se os houvera, foram, a tempo, conhecidos: o segredo permaneceu inteiro até á hora, em que a pistola de Pinto o revelou a todo o mundo ás portas dos paços por debaixo das salas descuidadas e risonhas dos usurpadores: e quando depois uma nova conjuração tramou pôr fogo a esses mesmos paços, restituidos a seu dono, assassinal-o, e com elle a patria, o horroroso segredo por si mesmo se descobriu, e o cutello do algoz decepou as cabeças á sedição.

Se D. João foi um principe pusilânime, foi um rei bondoso e amigo da patria; — esta gloria não pe-

sa menos do que essoutra. — Os seus descendentes podem cital-o sem pêjo, mas os descendentes dos que o levantaram sobre seus escudos, esses, (todos nós o somos) podem recontar um tal feito com ufanía.

Quasi dois seculos depois, outro Duque de Bragança vinha, por outra série de milagres, effeituar segunda restauração; — ¡ mas com que gloriosas differenças para o seu nome! — A victoria forçára a D. João; D. Pedro forçou a victoria. — A patria chamou por D. João; D. Pedro chamou pela patria. — D. João não ousou correr perigos para cingir um diadema; D. Pedro, descingindo dois, expôz-se aos maiores perigos para subir de Imperador e Rei a Duque e Cidadão. — E, porque em nenhum ponto o descendente cedesse vantagens ao ascendente, a Duqueza de Bragança, que Deus guarde, ainda mais representante de glorias hereditarias, do que a Duqueza de Bragança, que Deus haja, não as tem menores do que ella por talentos, por virtudes proprias, e por amor á sua adoptiva patria portugueza. N'uma só coisa excedeu a D. Pedro D. João; foi na fortuna posthuma: D. João não teve um monumento levantado pelo Sr. Lodi!!!

O PRESBYTERO.

(Fragmento 2.°.)

XIV.

O Martyrio.

(Continuado de pag. 116).

1083 Depois de um momento de espantoso silencio, Chrimhilde disse voltando-se para o lado esquerdo: «Hermentruda, approximae-vos!»

Uma das monjas saíu d'entre as outras e veio ajoelhar aos pés da abbadeça: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar; e o hymno, que Suintila escutára ao descer para a crypta, murmurou de novo n'aquellas curvas abobadas.

Como lá no horisonte o sol tremulo e sereno se reclina ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicio de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rapido, soou juncto da abbadeça. Aos olhos de Suintila figurou-se que o punhal de Chrimhilde descêra duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. Um brado de cholera e horror saíndo involuntariamente da bocca do godo restrugiu pelo templo. Crêra o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvíra. As monjas fugiam ao captiveiro do harém pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer.

«Mulher ou demonio, detem-te! — bradou Suintila, correndo com os scheiks e com o centenario para o recincto fechado, e procurando abrir os enormes cancellos de roble que lhe embargavam os passos.

Embebidas no seu drama tremendo, nem as monjas, nem Chrimhilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta! Ergueu-se. Tem a cabeça descoberta, os loiros cabellos esparzidos, o collo nú. Bem como o aspecto do formoso archanjo de luz perdido pelo orgulho no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condemnação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados por muitas bétas escuras, que serpeam por aquelle gesto como as viboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruinas de antigo templo pagão. É que similhantes ao nordeste frio e agudo, que passando pela bonina viçosa lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e n'um momento anniquillaram a formosura da virgem.

As grades fechadas interiormente balouçam aos empuxões de Suintila, mas não cedem. «Okba, — brada o godo a um dos scheiks, correi! — chamae os mais robustos zenetas, e os negros de Takrur armados d'essas achas a cujo primeiro golpe nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! — chamae-os aqui! Abdelaziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos; os que elle destinava para si e para o kalifa. Que venha salval-os! Que venha! Prestes, sheik de Hoara!»

E emquanto o scheik galga como relampago a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estoirar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona a tentativa inutil: ameaça Chrimhilde: as injurias acompanham as ameaças: seguem-nas as supplicas as promessas, e logo de novo as pragas e as affrontas. Baldado é tudo! — Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão, e conservou-se em silencio.

Mas os canticos cessaram de todo: as monjas saem successivamente de ambos os lados, e vem ajoelhar aos pés da abbadeça: vem despir as gallas da formosura, e comprar á custa d'ellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido, que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arrancam do seio das victimas ao descer do primeiro golpe; e a fileira das que se vão debruçar sobre os degraus do altar cresce d'instante a instante ao passo que rarêam as outras duas.

A terrivel sacerdotisa parou. ¿ Está o seu braço cançado de tão largo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. É que o momento supremo da morte se approxima. A mourisma jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudaloso na caverna que se lhe estendia debaixo do leito, e cuja abobada fendeu tremor de terra. Os guerreiros negros das tribus de Takrur á voz de Abdelaziz que os precede, precipitam-se contra as solidas cancellas do recincto vedado: — vinte machados ferem a um tempo nas grades fortissimas de roble, que gemem sob a furia dos golpes, e mal resistem ás pancadas violentas dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do émir, cuja cholera feroz resfolga em maldições e blasphemias.

Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medêa, e todavia lá, no mais pequeno recincto, onde soam gemidos de dores atrozes, onde só ri uma es-

perança — a da morte — ha paz íntima, ha o céu: aqui, na vasta crypta, onde a ebriedade de facil triumpho, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infieis, está o furor insensato, está o inferno. O Evangelho e o Coran estão frente a frente no resultado das suas doctrinas. É sublime a victoria do livro do Nazareno!

Os golpes de machado redobram: os troncos affeiçoados do roble começam a estoirar nas suas juncturas. A ultima freira fôra já curvar-se juncto do degrau do altar: a donzella vestida de branco vae ajoelhar aos pés de Chrimhilde, exclamando:

«Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobrio!»

«A tua constancia, filha, na dura prova de agonia porque tens passado, te purificou. Sê uma das monjas da Virgem Dolorosa — e vae com tuas irmãs receber a corôa de martyr.»

O ferro, que descia sobre o collo da donzella, foi caír com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revez do alfange de Abdelaziz lh'a cerceára. As solidas grades de roble estavam despedaçadas.

A abbadeça vacillou, e ao caír só póde murmurar «Jesus, recebe a minha alma!»

Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

As freiras ergueram-se, e encaminharam-se para o logar em que jazia o cadaver destroncado da abbadeça. Ajoelharam juncto d'ella com a face voltada para a turba dos infieis. Os seus rostos inchados e manando sangue eram disformes e horriveis.

«Ao menos tu serás minha! — bradou o émir, lançando a mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror d'esta scena rapidissima tornára immovel como uma d'essas estatuas que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da edade media. «Filhos valentes de El-Sudan conduzi-a á minha tenda. As outras, que as azas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres.»

D'ahi a poucas horas a Crypta estava em silencio: as monjas da Virgem Dolorosa dormiam um somno de ferro em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus (*). —— *A. Herculano.*

ETYMOLOGIA DE COIMBRA.

(Continúa de pag. 32).

1084 Como a de todas as povoações antigas e insignes, a etymologia de *Coimbra* tem sido largamente discutida, não ficando por isso menos duvidosa; da variedade de pareceres sobre o primitivo nome da cidade provém a de suas derivações.

Conimbrica pertendem uns se chamasse de *conus* pinha, porventura pela disposição como imbricada dos edificios; outros querem que fosse *Collimbrica*, de *collis* colhádo, ou monte levantado; alguns, seguindo a Pomponio Mella e Ptolomeu, decidem-se por *Conimbriga*, de Brigo, antigo rei da Lusitania, muito dado a edificar cidades.

O Dr. *Miguel Leitão de Andrade* refere, que uma grande serpente *Coluber*, infestando estes sitios, ainda espessos arvoredos, não deixava se povoassem em distancia de muitas leguas; que um cavalleiro, por amores de uma princeza, veio provar ventura com esta féra, que matára por admiravel ardil, casando depois com a princeza, por cujo respeito acabára tamanha façanha, e edificando em memoria d'ella no mesmo logar uma cidade, a que pôz o nome de *Colimbriga*, de *Coluber* e *briga*, commum e ordinario nome das grandes povoações (a).

Pedro de *Mariz* estribado em citações de codigos romanos, bullas pontificias, e doações de nossos primeiros reis, crê fôra *Collimbria* o verdadeiro nome, e o deriva de *collis imbrium*, oiteiro de chuvas, pela amenidade e frescura da cidade, e de seus ferteis arredores, á conta das muitas chuvas que n'elles caem (b).

Tão comesinhas derivações não merecem reparo; o nome euphónico de *Coimbra* tem sobrenadado *inteiro* pela impetuosa corrente dos seculos (c), sua etymologia, emquanto a nós, é enigma indecifravel. *R. Gusmão.*

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1085 O shah da Persia acceitou a mediação da Russia e Inglaterra sobre as suas desavenças com a Turquia.

A Syria levantou-se novamente: e os turcos fugiram para as montanhas.

Bem podia a Russia tomar por timbre aquelle verso de Alfieri

«Servi siam si, ma servi ognor frementi.»

— Ahi se descobriu uma nova conspiração, ramificada no exercito e no povo, cujo intuito era destruir o governo actual e libertar os servos. Os cabeças, que eram militares mancebos, já estão entre as garras das justiças imperiaes: o cabo da policia foi demittido por não ter dado pelas primeiras denunciações que lhe fizeram.

Na Inglaterra foi o parlamento addiado para 15 de dezembro; mas a imprensa teima que o não hão-de abrir antes de fevereiro,

Continuavam as reuniões cartistas e as que põem a mira na reducção dos direitos dos cereaes.

As damas começam a discutir em assembléas os direitos politicos feminís, e a pugnar com a palavra pela emancipação do seu sexo. É a renovação de uma utopía de todos os tempos.

Crois moi la virago n'est pas dans la nature.
C'est un plat idéal pour la caricature.
C'est un hermaphrodite, entre ange et caporal,
Équivoque au physique et surtout au moral.

— Escreveu o nosso patricio o Sr. Monteiro Teixeira na sua riquissima epistola *Sur l'E'mancipation des Femmes.* — A natureza em tudo que liberalisou, e em tudo que refusou ás mulheres, provou evidentemente, que as fizera para rainhas da casa mas não da cidade: entretanto a sua condicção em boa philosophia é inferior ás suas faculdades e direitos naturaes: se a mãe de familias não póde nem deve exercer os officios da republica, deve e póde, como interessada nos negocios d'ella por si e pela sociedade futura, que representa, contribuir com o seu voto para a boa escolha dos cargos electivos: — n'esta emancipação cremos nós, e apezar do millanario despotismo masculino, ha-de cedo ou tarde realisar-se: — o epigramma tem de ceder alguma vez o campo ao raciocinio.

(*) O facto narrado n'este capitulo é historico. O logar da scena, e a epocha, é que são inventados. Foram as monjas de Nossa Senhora do Valle, juncto d'Écija, que em tempos posteriores practicaram este feito heroico para se esquivarem á sensualidade brutal dos arabes. Parece que o procedimedto das freiras d'Écija foi imitado em muitas outras partes. Consulte-se *Berganza, antiguidades de España* — T. 1 pag. 139, e *Morales, Cron. Gener.* T. 3 pag. 105.

(a) Miscellanea — Dialogo 15 pag. 413

(b) Dialogos de varia Historia Tom. 1 cap. 2.°

(c) Duarte Nunes de Lião, Descripção de Port., cap. 5.

Ao GOVERNO FRANCEZ haviam recorrido por via de uma representação os deputados das comarcas fabricantes, clamando contra a união das alfandegas belgas e francezas. Deveu de lhes achar razão o governo; continua a sobreestar no negocio; e julga-se que assim ficará.

Sôa que a saude de elrei anda profundamente abalada, e já recrescem receios á conta de sua vida.

O estado das coisas em HISPANHA é terrivel e confuso. As côrtes abertas a 14 haviam-se fechado a 20, não sem murmurio da imprensa e sollicitude dos cidadãos: é porque o regente havia deixado a súbitas a capital para acudir á Catalunha, onde as agitações tinham ganhado tão rapido e espantoso crescimento, que em Barcelona eram já guerra civil das mais accezas e revôltas. Os dias 15 e 16 foram dentro n'aquella cidade, não um arremêdo, mas um transumpto fiel dos *tres dias de julho* em París. As auctoridades luctavam com o povo, a tropa de linha com a milicia nacional, a cidadella com a cidade. As portas d'esta estavam fechadas; o que por fóra soava era o estrépito da mosquetaria, o trovejar dos canhões, o rebate continuado dos sinos, e algumas atterradas novas de paisanos, que logravam escapar-se descendo pelas muralhas, pelas quaes ao mesmo tempo subiam para ir acudir pelo povo soldados da milicia nacional dos arredores. — As ruas nadavam em sangue, e estavam entrincheiradas; as mulheres e creanças pelejavam de suas janellas convertendo em armas, e arremeçando á rua, sobre as cabeças da tropa, quanto achavam em suas casas. A quantia dos mortos de parte a parte era horrenda na voz da fama — e o povo prevalecia. — Na madrugada de 17 a guarnição do Castello com os generaes Van-Halen e Zurbano á sua frente descia desarmada. — Os soldados vencidos e convencidos já abraçavam a causa dos cidadãos: uma juncta governativa proclamava guerra á tirania, união e constancia no povo até á morte. Quarenta mil pessoas, segundo os jornaes castelhanos, estavam alli em armas.

As causas de tamanho arruido foram, segundo uns, as imprudencias das auctoridades, junctamente com a teima do ministerio em manter no governo da provincia ao verdugo com dragonas, Zurbano: — segundo outros, o boato de se concluir com a Inglaterra o contracto commercial, que no juizo do povo era um garrote britannico á industria catalã. — ¿Poderá o regente abafar este incendio? Mas as scentelhas que o produziram quaesquer que ellas fossem tem no já derramado por muitas outras partes. Saragoça, Valencia e Pamplona já se agitavam — lá e n'outros sitios, Deus sabe o que terá havido a estas horas!

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1086 *Diario do Governo de 24 de Novembro.* — Decreto: addiam-se as côrtes para 28 de dezembro.

Idem de 26. — Decreto: extinguem-se os corpos de segurança da Guarda e Vizeu.

Idem de 28. — Decreto: reduz-se a dotação do Conservatorio Real da Arte Dramatica de 7:556$ a 4:834$ réis.

Idem de 29. — Decreto: diminue-se a dotação do Conservatorio das Artes e Officios. — Portaria, explicando as obrigações dos cidadãos para com os seus aboletados. — Annuncio da Juncta do Credito Publico, que no dia 5 de dezembro pagará os juros do 1.º semestre ás inscripções de 5 por cento.

Idem de 30. — Decretos: suprimem-se os empregos de director do Museu de Lisboa e o de thesoireiro e pagador da Imprensa Nacional.

MONUMENTO.

1087 Pessoa da mais insuspeita probidade nos affirma — que um architecto portuguez, académico de merito, e empregado na Academia das Bellas-Artes de Lisboa, por superior insinuação, desenhára, haverá seis mezes, um monumento para o SENHOR D. PEDRO. — Era um obelisco, tendo na base tres baixos relêvos allusivos a pontos cardeaes da vida politica e militar do EX-IMPERADOR. — Este projecto, que pessoa da arte nos dá por elegante e bem desenhado, correu mais fadario, que o meio guinéu, cuja Odysséa anda escripta por um inglez — e foi por ultimo dar fundo n'uma das Secretarias de Estado, d'onde, não sabemos como, nem porquê, nem para quê, baixou, ou subiu, para a mesa da ex.ma Juncta, encarregada do monumento ao LIBERTADOR, e dos riscos do Sr. Lodi.

Registamos este facto, como uma protestação adiantada a bem da honra nacional. — Disséramos — *que nenhum artista nosso devia ir, nem podia ir, nem havia de ir a tal concurso.* — Tinhamos — e temos d'isso a mais íntima e cabal persuasão. — Não queremos pois que, em saíndo a publico a já *in petto* decretada ovação romana do Sr. Lodi, alguma voz, entaramellada de estrangeirice, pregôe impudentemente — *que a obra do* Sr. Lodi *foi confrontada com outra nacional concorrente, e por seu mérito preferida.* — Se alguem isso disser, queremos que, desde já, tres milhões e trezentas mil vozes estejam habilitadas para lhe responder em côro unísono — *mentistes, mentís, e haveis de sempre mentir como villões!*

ENIGMA FOSSIL.

1088 Em uma das noites de septembro foi tanta a copia da chuva na cidade de Madrasta, que a egreja cathedral de S. Thomé, cujo pavimento jaz dois pés mais fundo que o da via publica, foi pela sua porta do sul entrada da cheia. O bispo eleito para evitar que tal se repetisse, deu ordem para se fazerem juncto áquella porta certas obras de segurança.

O artifice, que já para ellas cavava o alicerce, dá com o alvião em pedra que lhe impede ir ávante; — chamam-se novos alviões para o ajudarem a descobrir o que a pedra seja, senão quando apparece uma formosa e valente columna de granito, estirada na fundura de 6 pés abaixo do piso da rua, inteira e inteiriça, e com o capitel encostado ao alicerce da egreja. — 13 pés tem de comprido: a base quadrada, e com 2 pés e 8 pollegadas por banda, tem sua feição de molduras: o capitel tambem é quadrado, e tem de largura 2 pés e 4 pollegadas: a circumferencia do fuste, onde pega com o capitel, é de 6 pés e 4 pollegadas, e juncto á base de 6 pés e 7 pollegadas. — É o fuste abraçado de 16 anneis ou zonas da mesma pedra, de 5 pollegadas e meia cada uma. — Dão-lhe de pêso passante de 35 mil libras.

Não ha coisa que mais attráia a curiosidade do que os partos artisticos da terra: — ferviam a contemplar a desenterrada, assim os naturaes como os europeus; e entre todos, discrepando as sentenças no tocante á origem da antigualha, era comtudo concorde o parecer de que não longe d'aquella havia de jazer alguma outra columna egual, ou qualquer outro remanescente de architectura que muito importava esquadrinhar. — Mandou o prelado continuar na obra da excavação por todo o terreno adjacente á cathedral pela banda do sul. Não tardou que apparecesse segunda achada: — d'esta vez não era uma ruina de arte, senão uma ruina humana — emvez de uma columna derribada um sepulchro

de mulher — no qual se liam em linguagem portuguez, sem nenhuma outra memoria de era, as seguintes palavras: —

«Nesta galheta esta segura
«Livre de correntes e mares
«Debaixo desta pedra dura
«Jaz Maria de Linhares &.

— Esta campa não excedia de 6 pés em comprido e 3 em largo.

Passou-se adiante com a diligencia; apparece outra lápida, porém menor, e com a seguinte inscripção tambem sem data: —

«Sepultura de Braz Glenzed e seus
«Herdeiros &.

Ao outro dia ressurgiu ainda outra pedra funebre que dizia

«Inairo Geral que foi
«desta Cidade e de toda a Costa de Pesca-
«ria falleceu na Era de 1635 annos.

Finalmente alongando-se o descobrimento até o indireito da sachristia, ahi se foi dar com a esperada e suspirada irmã da columna, egualmente estendida e inteira, com a base encostada á parede da mesma sachristia, e o capitel á do templo. Ambas as ressuscitadas estão já em pé, e vão ser postas por ordem do ex.mo diante da porta do sul da egreja, para ahi servirem a um projectado futuro portico.

Por estas duas pedras, — conta o jornal inglez d'aquella cidade intitulado o Atheneum — que offereciam os brâmines gentios 700 rupias; — e o correspondente do *Pregoeiro da Liberdade* de Bombaim accrescenta — que mil e ainda mais dariam elles, se o bispo as quizesse vender. — Muito disputam os europeus moradores da terra ácerca d'esta achada: querem uns — que fossem as columnas lavor de portuguezes, e que já outr'ora estiveram em pé diante da mesma porta, onde as repoem; e que o motivo de se terem vindo abaixo seria algum d'esses furacões incontrastaveis, que ás vezes cursam por aquella cidade. — Outros contendem — que foram obra dos Hindus gentios, pelo muito que semelham na feição e máu gosto ás dos seus antigos pagódes; — conjecturando — que em tempos atrazados e de anoitecida memoria haveria n'aquelle mesmo sitio alguma casa de oração de suas gentilidades, sobre cujos destroços fundariam os portuguezes a sua egreja.

EDUCAÇÃO DE MENINAS.

1089 Das pouquissimas casas que em Lisboa temos para a educação feminil, a que se possa dar louvor, uma é a da Sr.ª D. Catherina Alvares d'Andrada. D'alli tem saído um grande numero de senhoras completas, que hoje estão sendo no tracto domestico, exemplares e nas sociedades, ornamentos mui distinctos. Em umas e outras qualidades excede a illustre directora: das suas virtudes familiares, moraes, e intimas é prova o filial affecto e respeito com que as suas alumnas a tractam, e que nunca depois se vem a desmentir ou enfraquecer; dos seus talentos agradaveis e da arte com que os sabe transmittir, são testimunhas quantas pessoas frequentam as salas, em que se reunem companhias escolhidas. A conhecimentos mui variados em litteratura, assim nacional como estrangeira, ajuncta a Sr.ª Andrada uma rara perfeição na arte, que de todas é a mais propria do seu sexo, a musica; sendo egualmente destra no piano que na harpa.

A doctrina christã, a historia sagrada e profana, a geographia, a grammatica geral e particular das linguas portugueza, franceza e ingleza, a escripta e a arithmetica, são os ramos d'instrucção d'aquelle estabelecimento.

O bom methodo alli adoptado permitte que as meninas, dentro em mui pouco tempo, fallem correntemente, sem esforço nem confusão, pelo uso de umas com outras, as tres linguas sobredictas.

A par d'estes talentos corre a cultura de todas as mais prendas que devem adornar qualquer senhora, nas diversas situações sociaes, e sobretudo as qualidades essenciaes que devem distinguir uma boa mãe de familias.

Os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para as despezas geraes..... 12$800 réis.
Musica, desenho e dança..... 4$800 »

Attendendo a que algumas mães de familias, até das mais distinctas na ordem social, se não apartam facilmente de suas filhas e preferem, que findas as horas do ensino, voltem diariamente á casa materna, admittem-se, mas só com a mais escrupulosa escolha, algumas discipulas externas. Para essas os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para as despezas geraes..... 7$200 réis.
Musica, desenho e dança..... 4$800 »

O estabelecimento está situado n'um dos bairros mais centraes e mais saudaveis de Lisboa: rua da Emenda n.º 10.

O interesse, que tomâmos no bem publico, nos obriga a recommendarmos este bello estabelecimento a todas as boas mães de familias.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

MACRÓBIA.

1090 Conta o *Angrense*, que na sua cidade vive uma Senhora por nome D. Roza Balbina, que tem de edade 106 annos e ainda promette duração; esta Senhora é viuva, e sobreviveu a dezeseis irmãos.

NOITE SINISTRA.

1091 Manuel Pinto de Silvares, lavrador proprietario da freguezia de Sancto Adrião, no concelho de Barrosas, ía recolhendo para sua casa, depois de ter passado o serão de Todos os Sanctos á lareira do seu abbade. Ao passar por uma sua fazenda sente, andarem n'ella vultos a fazer a escamisada sem sua ordem e a toda a pressa: retrocede, vem procurar adjutorio com que dê sobre os ladrões; encontra o cazeiro da quinta das Lamellas; dirigem-se ambos ao sitio; — os campos estão desertos; os sinos da parochia segundo o stylo de tal noite dobram pelos Finados: — chegam; lançam-se por duas diversas partes sobre os desconhecidos para os prenderem: dois tiros a um tempo, e quasi á queima-roupa, atravessam o ventre ao infeliz roubado. — Uma espôsa e oito filhos tiveram no outro dia uma bem terrivel amenta para accrescentarem nos sufragios pelos seus defuntos.

Na terra juncto ao cadaver appareceram uma carapuça de meia, e um chapéu de palha, já usados, dois sacos de espigas de milho, e pelo meio do campo varios montes d'ellas. O povo põe a bocca nos assassinos.

INFANTICIDIO.

1092 A 24 do mez passado amanheceu no largo do Convento Novo uma linda creaturinha recém-nascida, morta, e com a boquinha violentamente batocada com um grosso rôlho de hervas!!

PRISÃO DE SALTEADORES.

1093 De uma carta, que de S. Thyrso nos escreve o Sr. J. J. de O. extraímos o seguinte:

Na freguezia de Covellas pertencente a esta comarca representou-se no dia 9 d'este mez um bello acto de justiça popular contra quatro perturbadores do publico socego. — Eram estes uns bandoleiros, que tendo-se assenhoreado da estrada, pela bocca de seus bacamartes exigiam dos passageiros em direito de passagem e resgate das vidas a cedencia total e prompta de quanto levavam. Deu rebate nos povos a novidade, acudiu gente armada, colheu-os em flagrante; os que já se davam por victimas recobram animo: os malvados são constrangidos a retirar, mas vão junctos, vão firmes, vão respondendo atrevidamente com tiros aos de seus perseguidores: — um já caíu atravessado por uma balla pelos peitos, — é o João França. — Os tres restantes fogem para dentro de uma visinha matta, d'onde continuam a chover tiros — é retardar, mas não póde ser impedir a ultima ruina: — por todas as partes estão cercados; a ousadia geral cresce com a indignação; o circulo de vingança que os rodêa, vem-se apertando de minuto para minuto: — são desarmados, presos, amarrados, e conduzidos com grande alvoroço de todos para as cadêas de Sancto Thyrso. — Um dos que mais se assignalaram n'esta honrada facção popular foi o prior de Covellas. — Mal se accomodam glorias de valentia com a mansidão clerical por muito justa e sancta que seja a empreza, em que se ganham; mas o parocho de Covellas chorava, havia dois annos, a morte, ainda inulta, de seu pae assassinado pelos salteadores.

INDUSTRIOSO FURTO.

1094 Obter arroz sem o cultivar, nem o comprar, nem o roubar, nem o achar, nem o pedir, parece um problema embaraçoso, mas não é irresoluvel. — Maria, mulher de João do Coito, em Guimarães, o desatou por meiado octubro preterito de um modo, que, se a patente de invenção lhe póde ser contestada, a de introducção não consentiremos nós que alguem lh'a impugne. — Era noite; não via a triste, com que ingenhar a cêa, nem dinheiro com que o mercar e entretanto era forçoso que ceasse — quem nada tem, póde ao menos phantasiar á medida do seu gosto — phantasiou arroz a Sr.ª Maria; pega n'uma panella; mette-a no regaço embrulhada com a capa; vae-se á tenda; manda pesar uns poucos de arrateis, — era mulher arranjada, gostava de se prover por juncto — recebe na panella a encommenda; mas caíndo de repente em si e lembrando-lhe que lhe esquecia o melhor para o merceeiro — valha-me Deus, sr. fulano, — diz ella suspirando — deixe-me ficar aqui isto emquanto chego a casa pelo dinheiro — assenta a panella sobre o mostrador e sae: — quando uma hora depois o caixeiro a tomou para a arrumar a um lado, descobriu, que era feita segundo o padrão da urna das Danáides; tudo tinha de vaso menos o fundo. — Foi a fome quem ensinou as pêgas a fallar, disse um poeta latino; agora vemos que a outra sua prenda tambem a fome lh'a ensinaria.

SACRILEGIOS.

1095 N'um dos ultimos dias de octubro amanheceu a egreja matriz de Almeirim com a porta arrombada, o Sacrario aberto, roubados os vasos sacramentaes, alfaias e paramentos. — Duas pessoas foram presas por suspeitas.

Pelo mesmo tempo outro similhante crime se perpetrava na Beira-Alta. — Na ultima noite do mez um mendigo fôra pedir agazalho em casa do Abbade de Tendaes: hospedado charidosamente, e recolhido onde havia de pernoitar — espera, que tudo haja adormecido, levanta-se mansamente, e vae-se contra a porta da egreja; abre-a com um instrumento que levava, rouba o calix, e evade-se.

Acha-se pela manhã a novidade: — dá-se pressa o administrador do Concelho Alexandre Pereira Barbedo em mandar pelos caminhos, quem vá no alcance do fugitivo, com tão boa mão e acêrto, que a duas legoas o foram tomar, com todas as provas do seu crime, o calix e patena amassados, e o instrumento com que forçára a porta. — Foi remettido para o juiz de direito da comarca.

Dá-nos esta noticia um assignante nosso de Sinfães o Sr. Padre João José da Silva Guedes.

BRINCO DA NATUREZA.

1096 Em uma casa da freguezia de Ajuda d'esta cidade, matando-se um coelho, ainda novo e sadío, encontrou-se-lhe dentro, juncto ao quadril esquerdo, um embrião de coelhinho inteiramente reconhecivel, e que nada tinha mal formado, senão a cabeça.

VIOLENCIAS DO MAR.

1097 Dois dias depois dos naufragios da Ilha da Madeira, memorados no artigo 1064 — e no dia mesmo, em que pelos arredores de Cintra, a subita enchente dos rios dava assumpto ás tristes relações dos nossos artigos 1010 e 1049, — investia o mar com insolita braveza a outras remotas partes do nosso territorio.

Das duas para as tres da noite de 28 de octubro, foi a Ilha Terceira insultada de um crescimento das aguas, que posto não viesse a causar grandes prejuizos, não leve terror diffundiu pelos moradores. — Parte do caes de *Angra* foi innundada, e varrida de consideraveis médas de lenha, que se n'elle achavam. — Para o lado de *S. Matheus*, derrubou o mar um grande lanço do muro de uma vinha e um palheiro. — No *Porto Novo*, abaixo da villa de *S. Sebastião*, onde é mais fundo, galgou pela rocha até á altura de 20 palmos, e arrebatou de uma furna um fato de trinta cabras que lá costumavam pernoitar, passando além da trincheira, e do arco grande da *Ribeira Secca*. — Na *Villa da Praia da Victoria* entrou até ao *Paúl*, levando mais de trinta grossas pedras ao forte da *Luz*, que não pouco ficou desmantelado, e parte da bateria entre o mesmo forte e *S. Francisco*. — O forte do *Porto* tambem padeceu assás, vendo-se a sua guarda obrigada a desamparal-o, e valer dos pés para se não ir engulida. A não serem as diligencias, com que os pescadores, affrontando perigos de vida, acudiram aos seus barcos, varados no areal, arrastando-os para as abas da ladeira da serra, nem um só d'elles lhes escapava.

Quando, alvorecido o novo dia, outros pescadores de *S. Matheus*, que se andavam fóra, vieram, querendo recolher, encontraram por toda a parte o rôlo, tão alteroso, e a vehemencia da resaca, tão

inhospita, que só a poder de mui porfiado esforço, muito ajudados pelos da terra, e atravéz de evidentes riscos, poderam conseguir assentar outra vez os pés no chão, de que já não faziam nenhuma conta. — Até ás dez da manhã aturou sem respiro a ameaçadora descompostura do elemento, sendo muito para accrescentar a confusão dos insulanos o verem, que toda a guerra das ondas só fervia e trovejava em de redor de sua vivenda, ao mesmo passo que menos de meia milha para fóra d'ella todo o oceano jazia quêdo e bonançoso.

Na ilha do *Pico* foi tambem grande a invasão, chegando na ponta do *Pico* a salvar desde a *Piedade* até á *Manhanha*: porém estragos de maior vulto nenhuns ainda consta, que fizesse.

Na ilha de *S. Jorge*, do *Topo* até á *Urzelina*, foi coisa extraordinaria, mas tambem não consta de maiores ruinas.

«¡Quem será hoje capaz» — pondéra judiciosamente o redactor do *Angrense* — «quem será hoje capaz de desvanecer a idéa, que o povo rude conserva de que no dia 28 de octubro *entram os dibretes no mar!*»

MAIS.

1098 Vae por cêrca de meio mez que o inverno, ganhando por mão ao outono, nos traz os céus escuros, os ares destemperados, as terras entristecidas, e as aguas revoltas e intractaveis. O Téjo anda levantado e soberbo: alguns barcos vindos de cima para esta cidade carregados de castanha, soçobraram, constando haver com elles perecido duas ou tres pessoas. — Dois navios, surtos defronte dos nossos caes, rebentada a amarração, foram-se de encontro um ao outro, não conseguindo senão com grande custo, arrancar-se do funesto abraço, com que largo espaço andaram travados. — Uma galéra sueca em a noite de sabbado para domingo, vindo pera entrar, carregada de chumbo e aduellas, veio remessada contra a margem perto do sitio de Belem, onde encalhou. — Um brigue francez, querendo abocar a barra, foi feito pedaços sobre os cachopos d'ella. — Uma corveta franceza que se abalára na conserva do Sr. Duque d'Aumale, veio outra vez repulsada do oceano refugiar-se dentro ao porto. — Um vapôr da mesma nação sôa, que se perdêra nas alturas de Cascaes. — Os tiros de artilheria, signal de navios em perigo, teem sido ouvidos ao longe, e a diversas distancias, especialmente de noite. N'esta mesma hora, oito e meia da noite de 29 de novembro, por entre o estrépito de um forte chuveiro nos chegam com o vento da barra alguns d'estes sons lúgubres, que ás phantasias mais geladas revelam as scenas mais terriveis — é de temer que se estão realisando desastres — ¡quem lhes acudirá! — ¡talvez que ninguem o possa!

De bocca em bocca se anda repetindo, que uma embarcação ingleza, recémchegada, refere ter visto na altura dos Açôres, a fragata brazileira, que d'estas praias se tornava para as suas, tocar em um baixo, desfazer-se e sumir-se, sem ficar d'ella uma só vida. — Se assim fosse tinhamos que orar por mais de quatrocentos irmãos nossos, que lá se íam, fascinados de vãs esperanças, trocar a patria pelo destêrro, os amigos pelos senhores, e a pobreza pela penuria.

Felizmente, das miudas e escrupulosas investigações, que havemos feito para descobrir a verdade, tirámos convencimento, — de que o boato é inteiramente sem motivo. — A embarcação que se dizia portadora da noticia, nada contou, nem sabe a tal respeito: — o nosso arsenal está no mesmo caso: — e a Embaixada Brazileira n'esta côrte, sollícita, como bem se poderá suppôr, ao constar-lhe da baléla, tudo interrogou e sondou, e de nenhuma parte lhe veio nem a mais leve desconfiança de assim ter sido.

RUINAS.

1099 No dia 29 ás 4 horas da tarde desabou defronte da desembocadura da rua nova da Trindade para o largo de S. Roque, um lanço de parede das casas velhas, que ainda existem encostadas ao muro antigo da cidade que se está demolindo. Não offendeu a ninguem, mas podéra têl-o feito pela estreiteza do sitio. Juncto á Estrella tambem ha cinco dias se veio abaixo um ripado velho, que por fortuna não matou senão uma gallinha. Por algumas outras partes tem já tambem caído seus pedaços de muros. Tudo isto prova com quanta razão lembrámos e pedimos que se mandasse fazer pela cidade uma correição de vistoria, para se obrigarem os senhorios a apearem o que ameaçasse quéda, e esperâmos que assim se ha-de fazer.

CORREIOS.

1100 Grandes chuvas, demora de passagem de ribeiros, falta de estradas e pontes, tem originado a demora dos Correios; e por taes causas hoje, quarta feira 30 de novembro ás 10 horas da manhã, falta em Lisboa a correspondencia do Algarve, propria de hoje, o da direcção de Vizeu e Castello-Branco, por Santarem.

A VALLA DA AZAMBUJA.

1101 O Nacional nos refére — que o Sr. Marquez do Fayal se acha de véras empenhado em tornar emfim navegavel a valla da Azambuja: — bemfeitoria essa, vantajosa para o publico em geral, e vantajosissima para os proprietarios dos terrenos que a valla atravessa, e para os de suas immediações. — Consiste o projecto em abrir caminho desempachado ás embarcações desde a desemboccadura da valla até á Ribeira Secca légua e meia de Rio Maior; e desde a ponta d'Asseca um canal até ás *Omnias* de Santarem onde se ha-de fabricar uma repreza.

Assisado foi o pensamento de S. Ex.ª quando para haver de executar esta obra, com perfeição, procurou em Hollanda a um ingenheiro hydraulico, já amestrado pela pratica de similhantes construcções, mui usuaes em sua terra. Aqui sim, que são bem cabidos os serviços dos forasteiros, e mui louvavel o antepôl-os aos naturaes. Este ingenheiro por nome João Ortt já chegado, ha mais de mez, tem examinado por seus olhos os sitios, e intende que não virão a ser necessarios grandes cabedaes para se a empreza concluir. — Já levantou a planta das immediações da emboccadura da valla, com o fim de projectar a cortadura, que se deve fazer perto de Córte de Cavallos, para se evitar a mui tortuosa navegação actual n'aquelle sitio, reduzindo o giro a menos de uma quinta parte; sendo esta a obra de mais

facil execução e mais urgente por emquanto: e ultimamente foi collocar as estacas em diversos logares da valla e do Téjo, para sobre ellas registarem no inverno as alturas das aguas desde a bocca da valla até Tancos, porque o Sr. Marquez tenciona empreender depois a abertura da valla de Alpiaça.

Para traçar estas obras é preciso ter um mui exacto nivelamento do terreno; o que a presente estação não permitte conseguir; mas de que se tractará logo que desponte a primavera, dando-se então tambem começo á abertura da cortadura mencionada, a qual em breve se deve concluir visto haver só de comprimento 924 metros.

A grande utilidade d'estes trabalhos melhor se avaliará, sabendo-se, que a valla apenas é hoje navegavel no estio, e com grande trabalho e difficuldade até á ponte de Sancta Anna.

«Fazemos votos — accrescenta o Nacional — para «que o nobre Marquez seja apoiado por todas as pes«soas que de véras desejam a prosperidade da sua «patria, e que podem e querem empregar capitaes «com certeza de lucros: — confiamos que se não ha«de achar só.»

Oxalá — accrescentamos nós tambem — que todos os outros seus opulentos collegas na Juncta para o Monumento do Senhor D. Pedro, imitando o seu exemplo, procurem n'outras similhantes emprezas fertilisadoras e civilisadoras um nobre e lucrativo emprego á sua fazenda, e juncto com a sua gloria e proveito proprio o proveito e credito da sua patria. Façam florecer a agricultura e a industria: mandem vir para isso quantos hollandezes, francezes, inglezes, italianos, allemães e chins lhes agradar — toda essa estrangeirice não será então senão portuguezía mui de lei, e tão bem acceita de todos, que até os manes de D. Pedro lhes perdoarão, como nós, a extatica adoração, com que ahi estão ajoelhados, á roda do risco do Sr. Lodi.

PERIGOS DE OBSERVAR Á RISCA O MAHOMETISMO.

1102 De Gibraltar se partiu para esta côrte *Hagi Abdsalam Bin Aamour* cubiçoso, ao que parece, de contemplar as maravilhas, que da nobreza e formosura da terra, assim como da boa sombra e acolhimento dos naturaes, lhe encarecêra o seu conterraneo *Cidi Abdsalam Abrudi*, ao pojar alli na volta para Marrocos.

É este moiro *Bin Aamour* moço de vinte e seis annos, de presença nobre e gentil, e entre os seus de grande valía, por ser aparentado na casa do Imperador, e havido pelos outros *Talébes*, ou doctores do *Koran*, como grande sabedor e letrado. Na sua romaria á Meka discorreu pelas mais opulentas e esplendidas cidades do Oriente, coroando a sua larga perigrinação com a vista da *Pérola do Occidente*, como no fervor do enthusiasmo, lhe pintára *Abrudi* a nossa capital.

Aqui andou seguro e agasalhado de todos, por seus modos cortezes, até que a vista do turbante e caphtan accendeu as íras de um beduino da rua do Oiro. Era este um marceneiro, pouco sabedor, segundo o successo patenteou, dos ritos islâmicos, o qual vendo-o entrar para a escada contígua á loja, e agachar-se por traz da porta, imaginou que era acto, como o do pintor allemão no Collisêu, e que em saíndo o oriental não havia de ficar a sua loja perfumada de nenhuns sândalos nem áloes: — embravece-se e arregaçando os braços, troveja ameaças sobre a cabeça do filho do propheta: — traçava o coitado desculpar a offensa, que nenhuma havia; — explicava-lhe pelas palavras mais arabes que sabia — que a precisão, a que satisfazia, era, em indecencia, muitos furos abaixo da que elle cuidava; e que se o tomára n'aquella postura era só, porque sua lei lh'a ordenava expressamente para taes casos, sob pena de ficar, como homem salpicado de impurezas, inhabilitado para testimunha, privado de muitos privilegios, e incapaz para tornar a pôr pés em Meka ou em Medina. — Mas *estava escripto*, que o inacepilhavel coração de roble do nosso marceneiro, não responderia á eloquencia theologica do perigrino, senão com a logica dos punhos: — entrou pois a servil-o de muitas bofetadas, e a depenar-lhe as barbas. Com as vozes, que levanta a victima, cresce a raiva e desatino do aggressor; leva de uma alentada tranca, e desanda-lhe repetidas vezes: juncta-se povo, e o que primeiro era borburinho converte-se em tumulto: o Sr. Verissimo José Baptista, que passava por acaso, rompe pelo alvoroto, e arranca das garras do novo *Traga-moiros* o espancado, tão espavorido e fóra de accordo, que nem quasi se podia menear. — D'este desastre lhe nasceu ao depois uma grave enfermidade para a qual no seu desamparo todo o remedio lhe fallecia; soccorreu-se ao Sr. Padre Manuel Rebello da Silva — profundo classico da lingua arabia, e *o mais sabio de todos infieis*, segundo é corrente em Barberia — para este haver de lhe conseguir um quarto decente no hospital: sobre officio d'este Sr. acudiu logo a Providencia, não qual o moiro a esperava e pedia, mas outra mais cabal. — O Ex.mo Ministro dos Negocios Estrangeiros o Sr. José Joaquim Gomes de Castro, assim como lhe constou a noticia, manda apparelhar em sua casa um aposento e conduzir para lá o hospede, acudindo ao curativo com tamanho extremo, que nem melhor nem diverso caberia a filho querido e mimoso. — Agradecemos ao ministro que remiu assim este reino da suprema affronta de ser apregoado, até por terras de moiros, como o mais embrutecido e bárbaro de todos. — Nós lhe auguramos pelo bom feito o melhor de todos os premios, que é a satisfação da consciencia, emquanto as orações agradecidas do seu hospede estão rogando a *Allah*, que dilate os seus dias em prosperidades, como um ramal de perolas sem senão, enfiadas em seda escarlata; que o livre de mirandas (*) e das furias de marceneiros da rua do Oiro, e que em se partindo d'este mundo o condusa pela mão ao longo da ponte estreitissima, por cima do lago de fogo até ao bairro do paraiso mais abundante de *Hurís*, que o façam em cama de rosas esquecer para sempre dos trabalhos das pastas mundanas. — Amen.

(*) *Miranda* é uma das poucas palavras que o moiro sabe em portuguez — mas emprega-a sempre como sinonimo de *velhaco*: — parece que o motivo d'esta singular equivocação, foram as muitas passadas e dinheiro que para poder perseguir judicialmente ao seu espancador — o qual anda solto — lhe fizera despender pessoa, que este nome tinha, e que não sabemos quem seja.